

Obras da autora publicadas pela Record

Acidente
Agora e sempre
A águia solitária
Álbum de família
A amante
Amar de novo
Um amor conquistado
Amor sem igual
O anel de noivado
O anjo da guarda
Ânsia de viver
O apelo do amor
Asas
O baile
Bangalô 2, Hotel Beverly Hills
O beijo
O brilho da estrela
O brilho de sua luz
Caleidoscópio
A casa
Casa forte
A casa na rua Esperança
O casamento
O chalé
Cinco dias em Paris
Desaparecido
Um desconhecido
Desencontros
Um dia de cada vez
Doces momentos

Sumário

[Capítulo 1](#)

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 1

Eram quase quatro horas da manhã quando Alix Phillips ouviu os tiros e correu em busca de abrigo. Uma fábrica de frutas enlatadas tinha sido fechada no Alabama, deixando milhares de pessoas desempregadas. Fazia meses que o sindicato vinha tentando impedir o fechamento, e por fim a violência irrompeu na cidade, motivada pelo desespero e pela frustração. A maioria dos operários era de afro-americanos, e as famílias de alguns deles trabalhavam na fábrica havia várias gerações. Houve saques e destruição na localidade e nos arredores ao longo de toda a noite, e dois jovens acabaram mortos. Tropas de choque de cidades vizinhas foram chamadas para conter o tumulto, e o cheiro acre do gás lacrimogêneo tomava o local. Alix estava no meio de uma transmissão ao vivo e teve de deixar seu posto às pressas, pois seu cinegrafista, Ben Chapman, agarrou-a pelo braço e a obrigou a se afastar. Na verdade, ele quase teve de arrastá-la de lá, conforme as tropas fechavam o cerco na área e janelas explodiam enquanto os saqueadores incendiavam um edifício. Alix havia acabado de dizer, em sua transmissão para a TV, em rede nacional, que não se via

nada parecido com aquilo desde as rebeliões de Los Angeles em 1992.

— Você perdeu a porra do juízo? — gritou Chapman para ela enquanto os dois buscavam refúgio atrás de um prédio na esquina, e a Guarda Nacional e a polícia de choque passavam por eles como um trovão. Ben e Alix usavam suas credenciais de imprensa penduradas no pescoço e vinham cobrindo o desenrolar dos acontecimentos a semana toda. O rosto dela estava manchado de fuligem e seus olhos marejavam com o gás lacrimogêneo pesado no ar. — Por acaso você quer morrer?

Eles já trabalhavam juntos havia quatro anos e se davam muito bem, exceto em momentos como aquele.

Alix Phillips era capaz de arriscar a própria segurança, colocava-se na linha de frente de qualquer batalha, rebelião, protesto ou situação perigosa para levar a realidade aos seus espectadores. Ben adorava trabalhar com ela, mas eles já tinham discutido sobre aquilo antes. A atitude destemida dela lhes rendia imagens premiadas, e a emissora adorava isso, principalmente numa época que o jornalismo televisivo tinha poucos repórteres dispostos a correr os riscos aos quais ela se submetia. Aquilo estava em seu DNA. Mas havia momentos em que a razão tinha de prevalecer, ou deveria ter prevalecido, mas, com Alix, isso nunca acontecia. Quando ela estava no calor de uma reportagem, ficava cega para todo o resto. Alix trabalhava como repórter de TV desde que se formara na faculdade, 17 anos antes, e, aos 39, construía uma sólida reputação, atuando em todos os focos de crise do planeta. Cobria as notícias nos Estados Unidos e no exterior, em missões especiais, e os produtores a amavam porque ela jamais

recusava nada. Suas análises e seus brilhantes editoriais eram famosos no mundo todo. Tornara-se uma repórter lendária que todos admiravam, uma estrela da casa. Trabalhar com Alix era um privilégio que Ben apreciava, exceto quando ela ia longe demais e colocava a vida deles em perigo. Apesar de se considerar um homem corajoso, não era bobo. Porém nada detinha Alix. Ela era apaixonada por cada história.

Ben tinha 42 anos e havia sido um militar até quatro anos antes. Fizera parte de uma equipe de elite SEAL da Marinha, o que o tornava apto para o tipo de missões que Alix preferia, e tinha aceitado com entusiasmo trabalhar com ela. Outros cinegrafistas mais receosos haviam recusado a oportunidade. Ela era uma mulher saudável, em ótima forma física, obstinada, digna, corajosa, sem medo de nada e muito inteligente. Suas reportagens eram impecáveis, e o talento de Ben com a câmera se equiparava ao dela como repórter. Os produtores e espectadores adoravam a dupla. Eles eram a combinação perfeita e completavam um ao outro. Todos os conheciam por sua integridade profissional e suas reportagens aprofundadas. Havia estado em todo o Oriente Médio juntos, tinham coberto invasões militares e guerras civis na América do Sul e na África, desastres naturais, golpes de Estado e uma série de importantes revelações políticas nos Estados Unidos. Conflito era a especialidade da dupla, e os espectadores ficavam hipnotizados com as imagens de Ben e com as palavras de Alix, além de sua presença na tela. Ben costumava provocá-la dizendo que, quando acontecia um desastre, independentemente do lugar que fosse, Alix sempre dava um jeito de ir até lá para arriscar a

própria pele e a dele, como já fizera várias vezes naquela noite, nos levantes no Alabama.

Eles ouviram uma explosão alguns minutos depois de se abrigarem. Alix voltou para a cena correndo antes que Ben conseguisse impedi-la, então ele correu atrás dela. Era tão empenhado quanto ela, mas sentia que era seu dever protegê-la também, coisa que ela ignorava sempre que possível.

— Será que algum dia você vai me perguntar se eu acho uma boa ideia voltarmos para o foco da confusão ou se é melhor esperarmos? — reclamou ele quando a alcançou.

Ambos estavam cansados, pois não tinham dormido mais que umas poucas horas nos últimos dias.

— Claro que não.

Alix sorriu para ele e correu para acompanhar um grupo de soldados que haviam sido enviados como reforços para a tropa de choque.

Apesar dos riscos, ele gostava de trabalhar com a jornalista. Os dois eram colegas de combate e parceiros no crime. Ele tinha 1,95 metro de altura, com ombros fortes e uma boa forma admirável. Alix tinha quase 1,70 metro, um corpo ágil e atlético e longos cabelos loiros, e gostava de pensar que era tão fisicamente capaz e resistente quanto ele. Ia à academia todos os dias quando estava em Nova York e adorava praticar boxe. Porém vinte anos na equipe SEAL da Marinha, além de sua estatura, faziam de Ben o mais forte dos dois, mesmo que ela não quisesse admitir isso. Alix era uma mulher bonita quando se arrumava, mas ficava perfeitamente à vontade em roupas de combate, coberta de sujeira. Não dava a mínima importância para a própria aparência quando

estava trabalhando. Seu único foco era conseguir a história, a qualquer custo.

O tumulto se estendeu até as sete da manhã, quando todos os agitadores e saqueadores haviam sido detidos e levados para a delegacia. Os focos de incêndio continuaram a arder com seu brilho esbranquiçado, levando dias para serem extintos por completo. A pequena fábrica ainda estava sob controle militar quando Ben e Alix partiram para Birmingham e embarcaram num avião com destino a Nova York, depois de dirigir 80 quilômetros em seu carro alugado. A cidadezinha que deixaram para trás havia sido praticamente destruída e, por causa do fechamento da fábrica, a maioria dos habitantes locais agora estava desempregada e recebendo algum tipo de assistência social. Muitos já tinham perdido suas casas. Era uma história triste e, em suas reportagens, Alix culpava o governo local por fornecer tão pouco apoio e estar completamente despreparado para conter os tumultos e os saques antes que a situação saísse de controle. Diziam que o prefeito era corrupto, embora ela tenha deixado isso implícito, sem de fato afirmar, e a cidade estava falida. A região havia sido decretada como área de desastre na manhã seguinte ao início dos tumultos. Alix estava pensativa e calada no voo de volta para Nova York. Era difícil imaginar uma pobreza tão extrema nos Estados Unidos, mas eles já tinham presenciado aquilo antes. E ela ficava com o coração partido ao ver aquelas crianças descalças, usando roupas esfarrapadas e pequenas demais, muitas delas agora também desabrigadas.

— O que essas pessoas vão fazer agora? — perguntou ela em voz baixa, olhando de relance para Ben enquanto o comissário de

bordo servia seu almoço na classe executiva. Em razão da natureza árdua do trabalho deles, a emissora pagava para que eles viajassem de classe executiva sempre que possível. Uma das regalias que ambos apreciavam naquele trabalho.

— Ficarão desempregadas ou se mudarão para outro lugar, se puderem — respondeu Ben num tom sério, lembrando-se da pobreza que tinham visto naquele local.

Aquilo também o deixava perturbado, embora eles já tivessem visto coisas muito piores nas guerras e coberto cenas horríveis juntos no mundo inteiro. Ajudava um pouco o fato de ambos serem desimpedidos, nenhum dos dois tinha uma pessoa à sua espera em casa, e Ben sabia que, dali a alguns dias, eles estariam viajando de novo. Quase sempre era assim. Havia outro problema em algum lugar, e eles seriam enviados para lá. Uma rotina não muito diferente da vida que Ben levava na Marinha, com a equipe SEAL. Ele passara a vida inteira defendendo as pessoas e os princípios nos quais acreditava.

Alix desenvolveu seu talento e sua coragem com honestidade. Seu pai fora um famoso jornalista britânico e morrera em uma explosão de bomba na Irlanda ao cobrir uma matéria, quando ela ainda era criança. Alix tinha apenas vagas lembranças dele, mas, de acordo com tudo o que sabia, o pai fora um homem maravilhoso. Sua mãe, Isabelle, era francesa. Alix crescera em Londres, fizera faculdade nos Estados Unidos e, quando decidiu permanecer por lá para trabalhar em um telejornal de uma grande emissora, a mãe se mudara para sua cidadezinha natal na Provença. Ela havia sido

uma boa mãe e nunca interferira nas escolhas da filha. Alix tinha um amor inabalável por ela e a visitava sempre que possível, o que não acontecia com frequência.

Os anos de faculdade de Alix nos Estados Unidos haviam sido turbulentos e complicados. Um romance no segundo ano do curso levava ao nascimento de uma filha no ano seguinte. O pai da menina era um ano mais novo que ela, um rapaz doce, completamente apaixonado por Alix, que tentou estar à altura da coragem dela quando a namorada decidiu ter o bebê, para o desgosto dos pais dele. Eram bostonianos discretos de uma abastada família de banqueiros, e seus sonhos para o filho não incluíam um rebento ilegítimo, por mais brilhante que Alix fosse. E o sonho dela de seguir os passos do pai como jornalista também não agradavam os pais do rapaz, embora Wyatt a achasse uma mulher incrível. Apesar dos protestos dos pais dele, os dois se casaram menos de um mês antes de Faye nascer.

O parto foi tranquilo, mas tudo o que veio em seguida, não. Os pais de Wyatt cortaram todo o apoio financeiro ao filho, e Isabelle veio de Londres para ajudar o casal com a bebê, embora também não tenha ficado muito feliz com a decisão de Alix. Mas aquele amor juvenil vencera a razão.

Então três meses depois, aconteceu o impensável. Eles estavam de férias com amigos em Nantucket quando Wyatt sofreu um acidente de barco e morreu. Do nada, Alix se viu viúva, aos 20 anos, com uma filha de três meses para criar. Ainda em choque com a morte de Wyatt, Alix e a mãe compareceram ao funeral em Boston, onde descobriram que a família do rapaz não contara a ninguém sobre o casamento deles nem sobre o nascimento da

menina. Alix e a mãe foram tratadas como duas estranhas indesejadas. Uma conversa sombria com o pai de Wyatt no dia seguinte ao funeral deixou claro que a família dele não queria nenhum tipo de contato com Alix nem com a própria neta no futuro. Para eles, Faye não passava de um erro que o jovem cometera. Não tinham a menor intenção de desenvolver nenhuma ligação emocional com Alix nem com a filha dela. Não queriam sequer olhar para a criança.

Alix então voltou para Londres com a mãe e, após um mês de longas discussões banhadas em lágrimas, Isabelle a convenceu a retomar os estudos e deixar Faye com ela na Inglaterra. Alix estava com o coração dilacerado quando embarcou no avião para voltar à faculdade nos Estados Unidos e terminar o terceiro ano do curso. Mas, uma vez estando lá, ficou óbvio que aquela havia sido a decisão correta e que sua mãe agira com sabedoria.

Um ano depois, com notas quase perfeitas, Alix se formou com louvor e recebeu uma excelente oferta de trabalho numa rede de TV em Nova York. Ela estava no caminho certo. Ia a Londres visitar a mãe e a filha sempre que podia, mas ficou profundamente imersa em seu trabalho, que demandava muito dela, por vários anos. Isabelle então mudou-se de volta para a França, para a Provença, levando Faye consigo, enquanto Alix aceitava todas as missões desafiadoras que lhe eram oferecidas. Ela jamais conseguiria ter dado conta dos primeiros anos de sua carreira com uma bebê em casa, e Faye ficava muito bem com a avó. A menina tinha 5 anos quando Alix finalmente decidiu levá-la para Nova York, o que foi bastante difícil, mas ela queria ter a filha por perto e se sentia pronta para o desafio.

Elas foram fazendo dar certo. Faye passava os verões com a avó na França, e uma babá cuidava da menina em Nova York quando Alix estava viajando a trabalho. Não era a situação ideal, mas funcionava. E Alix e a filha tinham em comum o fato de terem crescido sem pai. Aquilo criava um laço especial entre as duas, e a menina sempre se mostrava preocupadíssima com a mãe quando a via na TV cobrindo reportagens em vários lugares do mundo. Isabelle jamais reclamara da carreira que Alix havia escolhido, mas Faye, sim, o tempo todo, inclusive. Acusava a mãe de ser irresponsável e de brincar com a morte.

— Eu já não tenho pai. O que vou fazer se acontecer alguma coisa com você? — perguntava ela, furiosa.

— Você iria morar com a Mamie — respondia Alix, referindo-se à sua mãe na Provença.

Em 19 anos, os avós paternos de Faye nunca mais tinham feito contato. Alix sempre pensou que algum dia eles procurariam a neta, mas isso nunca aconteceu. Faye não existia para a família do pai. Continuava sendo um inconveniente que eles haviam escolhido negar, não nutriam nenhum sentimento pela única herdeira de seu falecido filho.

— Isso não basta para mim — dizia Faye para a mãe, furiosa com os riscos que o trabalho dela implicava. — Preciso de você também. Não só da Mamie.

Na verdade, Alix e Faye precisavam uma da outra, mas Alix amava sua carreira também, e estava decidida a continuar fazendo seu trabalho. Então, quando Faye entrou para a faculdade, Alix se sentiu livre para aceitar missões mais duras, mais longas e mais perigosas do que nunca. Cada fibra de seu ser se enchia de vida

nessas missões. Faye tinha orgulho da mãe, porém também ficava temerosa. Era uma briga constante entre as duas.

Faye tinha 19 anos e estava no segundo ano da Universidade Duke, e sabia que, se houvesse uma guerra, uma revolta ou um ataque terrorista em algum lugar, a mãe dela acabaria indo para lá, como uma mariposa atraída por uma fogueira. E a emissora para a qual trabalhava se aproveitava muito do fato de que ela estava disposta a aceitar qualquer desafio, de uma hora para a outra, que iria para qualquer lugar aonde a enviassem. Todos que conheciam Alix sabiam muito bem que nada podia detê-la. Quando havia um tumulto em algum lugar do mundo, ela arrumava um jeito de estar no meio, assim como agora. E graças à sua criação, Faye também crescera muito independente. Era tão decidida quanto a mãe. Queria fazer pós-graduação em Direito depois da faculdade, e Alix estava certa de que a filha conseguiria, e agora tinha condições de pagar pelo curso. Alix ganhava um bom salário como repórter de destaque de uma grande emissora, mas não trabalhava pelo dinheiro. Sua carreira era sua paixão, e ela amava o que fazia. Considerava cada nova missão emocionante, ela era uma profissional perfeita. Assim como o pai, Alix dedicava-se ao jornalismo de corpo e alma, e seu trabalho favorito era como correspondente de guerra. Ela e Ben tinham isso em comum, e por esse motivo os dois trabalhavam bem juntos, nas missões mais difíceis que a emissora podia lhes dar.

Alix jamais falava de sua vida pessoal nem de seu passado. Ben levara um susto ao descobrir, quando já fazia um ano que os dois trabalhavam juntos, que a parceira tinha uma filha. Sua disposição em arriscar a própria vida no cumprimento do dever nunca havia